

Autorização concedida a Biblioteca Central da Universidade de Brasília pela Professora Fabiana Marroni Della Giustina, em 02 de março de 2020, para disponibilizar a obra, gratuitamente, para fins acadêmicos e não comerciais (leitura, impressão e/ou download) a partir desta data. A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

REFERÊNCIA

GIUSTINA, Fabiana Marroni Della; MATSUMOTO, Roberta Kumasaka. Coisazul: uma pesquisa sobre dança, pessoas e objetos. In: Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança, 6. 2019, Salvador. **Anais...** Salvador: ANDA, 2019. p. 1004-1014. Disponível em: <https://proceedings.science/anda/anda-2019/papers/coisazul--uma-pesquisa-sobre-danca--pessoas-e-objetos>. Acesso em: 30 mar. 2020.

Para citar esse documento:

GIUSTINA, Fabiana Marroni Della; MATSUMOTO, Roberta Kumasaka. Coisazul: uma pesquisa sobre dança, pessoas e objetos. *Anais do VI Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança*. Salvador: ANDA, 2019. p. 1004-1014.

Anda PORTAL ANDA
www.portalanda.org.br

REALIZAÇÃO



CO-ORGANIZAÇÃO



PPGDAN
UFRJ

APOIO FINANCEIRO



COISAZUL: UMA PESQUISA SOBRE DANÇA, PESSOAS E OBJETOS

Fabiana Marroni Della Giustina (UnB)ⁱ
Roberta Kumasaka Matsumoto (UnB)ⁱⁱ

RESUMO: O artigo se constrói em diálogo com as Epistemologias Ecológicas e a coreografia Coisazul que em sua articulação criam as Epistemologias Dançadas. Pensamos Coisazul como um sistema celular híbrido entre pessoas e puffs azuis, que se acoplam afetivamente interagindo e ampliando as relações das presenças com o meio onde a dança acontece. A dança Coisazul acontece por meio de coreografias improvisadas coletivamente e entende suas vivências como um sistema de coisas que se organizam em unidade autopoética. A investigação da dança acontece num sistema híbrido de humanos e não-humanos que improvisam coletivamente sua coexistência, por atos cognitivos, existindo somente porque tal organização os faz produto de si mesmos. Apontamos que quando esse tipo de sistema acontece dança e coreografias passam a ser o mesmo evento, de modo que, a improvisação coletiva entre os corpos proporciona a sensação da organização do movimento como invento e a fluência do movimento como dança.

PALAVRAS-CHAVE: Dança. Coreografia Improvisada Coletivamente. Objetos. Inventividades. Coisas.

ABSTRACT: This article is built in dialogue with Ecological Epistemologies and the Coisazul choreography that creates danced epistemologies when articulated. We think Coisazul as a hybrid cellular system between people and blue beans chair in an affective connection while they interact and enlarge the relations of the presences with the environment where the dance takes place. The Coisazul dance happens through choreographies improvised collectively and conceives its existence as a system of things organized in an autopoietic unit. The dance investigation happens in a humans and no-humans hybrid system that, through cognitive actions, improvise their coexistence collectively only existing because of this organization that makes them product of themselves. We point out that when this hybrid system happens, dance and choreographies become the same event, so that, the collective improvisation between the bodies provides a sense of organization of the movement as an invent and its fluence as a dance.

KEYWORDS: Dance. Choreography Collectively Improvised. Objects. Inventiveness. Things.

A apresentação oral “Coisazul: uma pesquisa sobre Dança, Pessoas e Objetos” realizada no VI ANDA, compartilhou os resultados alcançados na tese de mesmo título apresentada no PPG - Arte da Universidade de Brasília/UnB em março de 2019 que foi desenvolvida a partir de questionamentos sobre as relações de não hierarquias nas interações das presenças entre as pessoas e os objetos quando dançam. Foi comunicado como chegamos ao entendimento de que Coisazul é uma

dança que organiza-se e reproduz-se por meio dos improvisos coletivos, de modo que, essas vivências são entendidas como um sistema de coisas que se organizam numa unidade autopoética. Para isso apresentamos a estrutura tese em nossa comunicação, tangenciando os temas abordados em cada capítulo que nos permitiram chegar à esse entendimento. Assim, esse artigo também se propõe a apresentar a estrutura da tese e sua organização metodológica, convidando o leitor para uma futura leitura do texto que estará em breve no repositório da Universidade de Brasília.

Minhas inquietações e desejos por uma compreensão sobre a forma de mover e a forma de Ser quando estamos em contato com outros sistemas dançantes se alimentam do cruzamento fértil das vivências de Ser dançarina e Ser educadora. A pesquisa Coisazul é sobre como esses sistemas vibram movimentos poéticos e possibilitam a abertura de saberes e conhecimentos sobre si e os outros, considerando como outros todos os tipos de manifestações de formas externas à si. Pressupomos que, durante a vivência desse sistema estabelecemos parcerias (BRETON, 2014) que nos levam a sentir que somos ao mesmo tempo produtores e produto de nossa experiência estética. Estamos falando especificamente do sistema que chamo de coreografia improvisada coletivamente, daquele momento em que o processo coreográfico se funde com a própria realização da dança, vamos pensar sobre a importância desses sistemas no mundo atual da dança, e de como a dança vem inventando novos mundos por meio desse sistema.

Mas o que seria inventar novos mundos em dança? Nesse trabalho, entendemos que tanto o mundo como os seres e objetos não são algo dado, pronto, mas que todos se encontram em perpétuo processo de constituição por meio justamente das relacionalidades, mais especificamente, pelo que Humberto Maturana e Francisco Varela (1998) nomearam como acoplamentos. Baseada nesses autores, Virgínia Kastrup (2007) nos chama a atenção justamente para o fato de que estamos sempre num movimento não de constituição, mas de co-constituição, pois não me constituo só, mas com o outro e pelo mesmo movimento o outro também se constitui, de forma que as relacionalidades possibilitam a invenção de si e do mundo. Desse modo, quando falamos em dança a partir desse escopo teórico, estamos compreendendo que as relacionalidades se dão no presente da

ação, e que a coreografia, neste sentido, se dá em simultaneidade com o próprio dançar, no momento em que é inventada. Daí se coloca a questão da coreografia improvisada, mas também o coletivamente, mesmo quando estamos diante de um solo, uma vez que a relacionalidade pode se dar com um outro ser humano, ou outro ser vivo, ou um outro não orgânico, como nos chama a atenção André Lepecki (2012). Mas atenção, se falamos de relacionalidades ou de co-constituição com não orgânico, com objeto, então estamos nos colocando sob uma outra perspectiva epistemológica em que não há hierarquia entre seres-humanos e não-humanos, entre orgânicos e não-orgânicos. Daí a noção de coisa que o autor propõe. Noção, que se coloca como o avesso do pensamento hegemônico do objeto como dispositivo-mercadoria, ao rejeitar as formas de instrumentalização que dele derivam e compreender que “todo objeto exerce uma força despossessiva e deformadora sobre o sujeito” (LEPECKI, 2012, p. 96).

Entendemos o conceito “coisas” como uma rede de sistema composta por seres vivos e entendemos que esse sistema se forma em nossas coreografias improvisadas quando pessoas e puffs azuis compartilham suas presenças, isto é, quando sujeitos e objetos desposam por um estar-com e um estar-entre expandindo as presenças ao dançar, originando dessa relação o nome Coisazul. Descobrimos ao longo da pesquisa que quando nós (seres humanos) nos colocamos em situação coreográfica compartilhando presenças e ampliando essas relações por um estar-a-lado dos objetos abrindo mão das funções e utilitarismos (2012, LEPECKI), estabelecemos outros campos para a agencia da(s) presença(s), o que possibilita a abertura de outras zonas de inventividades que só acontecem quando essa outra qualidade de interação entre os corpos confluem para um estado de parceria.

Ao perceber essas outras zonas de inventividades ao longo das coreografias, também nos questionamos sobre como o conceito de invenção se relaciona nos domínios do estudo da cognição, e em especial no processo coreográfico, uma vez que entendemos nossa dança como “cognição autopoieticas” (2007, KASTRUP). Para a autora esse processo “consiste num movimento de problematização das formas cognitivas constituídas”, uma vez que, entende as operações da própria cognição como seu principal invento, isto é, entende que a cognição é invenção e emerge como produto de uma condição temporal, sem limites fixos e invariantes. Em

Em nossos estudos percebemos as zonas de possibilidades coreográficas Coisazul quando regras “temporárias” nos lançam em outras possibilidades inventivas que culminam no que denominamos invenções dos mundos da célula Coisazul, que é quando produzimos em coletivo subjetividades pelas danças que realizamos. Desse modo, passamos também a perceber a cognição como um invento de si e ao mesmo tempo como uma invenção de mundo com os outros.

Para entender o mundo que inventamos com a célula Coisazul passamos a analisar as coreografias improvisadas coletivamente a partir da teoria Organização Autopoietica da célula dos biólogos e filósofos Humberto Maturana e Francisco Varela (1995). Os autores partem da afirmação de que a “cognição” é “ação”, e que a própria constituição dos sistemas dos seres vivos que existem no planeta é a prova desse pensamento, uma vez que afirmam que os seres são processo e produtos de suas interações com o meio a que pertencem, de modo que é na/pela ação que esses sistemas existem. Para tanto essa teoria se fundamenta pelo pensamento dos “acoplamentos estruturais” que acontecem entre as células e o meio. Esses acoplamentos, segundo os autores, possibilitam a multiplicação e a conservação da célula no meio específico, de modo que, nesse acoplamento célula e meio são processo e produto simultaneamente das interações. Em nosso estudo Coisazul passamos a entender que quando pessoas e puffs azuis se afetam e acoplam estruturalmente estabelecendo um outro estado de coisas se abrem campos onde as zonas de possibilidades inventivas se transformam e se adaptam como uma célula de dança interagindo com o meio.

Assim, partindo da ideia de que sempre há uma coletividade em cena, a questão que norteou a pesquisa é: De que forma os objetos participam da composição de uma coreografia improvisada coletivamente? Ou seja, como os objetos possibilitam esse processo inventivo quando considerados como coisa.

Para tentar responder a essa questão, mapeamos e apresentamos os mundos dançados, os movimentos dos corpos, das relações, dos afetos, das subjetividades que envolvem o pesquisar coreografias improvisadas coletivamente que compõem Coisazul.

Entender o que vem a ser coisa nos dias atuais também é um dos desafios desse trabalho, esse substantivo muito utilizado entre a população abre um sistema de possibilidades estéticas e de vivências em dança que muito nos interessam. O que é uma coisa? Uma coisa é uma coisa, certo? Essa palavra tão utilizada cotidianamente para designar algo que não é especificado tornou-se um dos focos principais de nosso estudo, uma vez que ela reúne a possibilidade da junção de mundos possíveis e que não estão especificados e enquadrados dentro de um sistema específico. Quando inventar coisas é mergulhar nessa força depossessiva que Lepecki nomeia como coisa, quando a invenção é ação, quando a ação é cognição, quando cognição é poiesis, quando estamos inseridos em um contexto que se constitui no fluxo de várias formas de investigações corporais, de indagações gestuais, de elaborações cênicas e de criações coreográficas... ? Quando a pesquisa começa?

Diante de todas essas provocações, decidimos traçar um plano comum (PASSOS, KASTRUP, 2013) para a pesquisa e, apostamos no exercício de investigação Coisazul como um espaço laboratorial de experimentações das hipóteses dessa pesquisa. “A aposta da cartografia é na construção coletiva do conhecimento por meio de uma combinação que pode parecer, à primeira vista, paradoxal: acessar e, ao mesmo tempo, construir um plano comum entre pesquisadores e pesquisados” (KASTRUP; PASSOS, 2013, p. 269). Coisazul acontece pela parceria das presenças compartilhadas entre dançarinos e puffs azuis, constituímos uma rede de presenças compartilhadas pelas coreografias improvisadas coletivamente. Esse exercício vem acontecendo desde o início do doutorado, como suporte da investigação entre teoria e prática, uma vez que as ideias investigadas precisavam existir como corpos e vivenciadas como parte da própria metodologia da pesquisa, isto é, no fluxo das ações que fazem a pele transbordar em movimentos e principalmente em suas sucessões.

O puff Azul como um objeto de sentar se encontra na maioria das casas, halls de espera etc. Esse objeto tem como característica a maleabilidade, a leveza, a respiração e a capacidade de interação com o corpo que está sobre ele, embaixo dele, ao lado dele etc. Além dessas qualidades, possui a capacidade de resiliência, isto é, voltar ao seu formato original após determinadas vivências, assim como nós

seres humanos e por isso foi escolhido como objeto para o campo exploratório as relações entre os humanos (pessoas), não-humanos (todos os seres vivos) e outros organismos (objetos).

Decidimos realizar a pesquisa utilizando o método cartográfico, que nos auxiliou na produção das pistas das nossas vivências Coisazul como uma coreografia inventada que pudesse ser analisada pela perspectiva de ser uma célula viva de dança e, desde então, a experimentamos nos vários estágios de organizações sistêmicas, investigando a sua organização autopoietica e como em cada etapa do seu ciclo vital as coreografias improvisadas coletivamente também se transformam pelas interações que estabelece com o meio e com as outras pessoas. (MATURANA;VARELA, 1995).

A tese se organiza em três capítulos. O primeiro capítulo é Sobre, tornar-se e(m) dança, nele introduzimos o caminho que percorremos para chegar nesse estudo como também apresentamos as redes institucionais as quais estamos vinculadas. No segundo capítulo apresentamos nossas Epistemologias Dançadas: nossa forma de construção de conhecimento em dança juntamente com nosso escopo teórico metodológico. Das Autopoiesis Cartografadas, compõem o terceiro e último capítulo da tese, nele contamos a vida Coisazul pela perspectiva da teoria da organização autopoietica da célula de Humberto Maturana e Francisco Varela.

Imagem 1 - *Ausência e Presença*. Capa da tese “Coisazul: uma pesquisa sobre dança, pessoas e objetos”.



Foto: minha autoria, 2015.

Assim, desejamos, desenvolver um pensamento em dança que contribua para as reflexões sobre os homens e mulheres contemporâneos e as parcerias estabelecidas com os objetos, com a natureza e com todos os seres, na perspectiva de ampliar o entendimento dos processos coreográficos da atualidade. Uma tese com várias vozes, em alguns momentos escrita no singular e outros no plural, reflexo das várias redes que compõem o pensamento reflexivo entre o eu e o outro.

Na tese ampliamos nossas fontes de interlocução, além dos autores que compõem o referencial bibliográfico também consideramos fontes de pesquisa e material textual nossa produção imagética. Vamos escrever um texto em diálogo com as diferentes mídias e recursos audiovisuais. Convidamos o leitor a ter às mãos

celular, tablete ou qualquer aparelho com leitor de QR code para poder acompanhar o material audiovisual que compõe nosso texto e que está na rede social e nas plataformas de vídeos. Em muitos momentos da tese conversamos e dialogamos com as informações que são de domínio público e estão nas redes sociais, como também, com as que produzimos e colocamos na rede. Como por exemplo o acesso a essa página que coloco abaixo, ela nos leva diretamente para a página que contém os vídeos da pesquisa Coisazul, por esse link o leitor visualizará todos os vídeos da pasta de uma só vez, mas esses vídeos também aparecerão na ordem cronológicas dos acontecimentos ao longo da tese.

Playlist: Pesquisa Coisazul

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLaLQHDmP1XcZ6bo3rBqY9e-652WH-k8W6>



Como também pode seguir nossas pistas no Instagram @coisazul.

Em nosso texto vamos escrever nossas memórias utilizando como fonte os diários de bordo, as fotografias e os vídeos. Como recurso estilístico ao escrever as memórias que são feitas das lembranças, das fotografias e do registro em vídeo mudamos a gradação e a intensidade da cor do texto de acordo com a forma como ainda sinto a presença daquelas vivências. Da mesma forma nosso texto também vai se contaminando pelo Coisazul e se transformando na cor azul que passa a se materializar também nas palavras. A tese se contamina de azul aproximando o leitor das autopoiesis das abstrações do azul. Experimentamos a liberdade poética de escrever nas cores de nossas peles e de nossas danças, a tese vai se preenchendo da tonalidade de nossos improvisos.

Da experimentação das salas de ensaio para a intervenção nos espaços externos, foi e está sendo processual e, como toda coisa viva, foi testando sua existência em espaços cada vez mais longe de casa que descobrimos novas formas de Ser Coisa, de Ser Acoplamento, de Ser Membranas, de Ser Peles e afetar a própria dança. Contamos melhor essa história nas Autopoiesis Cartografadas, nas

quais as várias camadas dessa pesquisa se entrelaçam na busca pelas pistas do percurso da vida vivida pela Coisa, desde as primeiras células na sala de ensaio até os dias atuais com suas múltiplas células acontecendo em diferentes meios e, principalmente, como uma proposta de improvisação coletiva em dança.

Coisazul é hoje uma performance de dança que em seu processo coreográfico estabelece nexos de acoplamentos afetivos que possibilitam vivências relacionais entre pessoas e puffs azuis, de modo que consideramos dançarinos todos os corpos parceiros envolvidos nos improvisos dançados. Trata-se de um lugar em que todos os corpos se fundem em novas membranas, estabelecendo novas fronteiras entre os mesmos e suas ações coletivas, instaurando assim o que denominamos de coreografias de/dos acoplamentos afetivos. A célula de investigação Coisazul foi acoplando novas células em seu próprio processo de existência e com isso potencializando novos afetos entre outras dançarinas e novos puffs, de modo que atualmente somos o Coletivo Coisazul. Somos Acoplamentos afetivos de células Coisazul que dançam coreografias improvisadas.

Vale ressaltar que a pesquisa foi contemplada pelo Programa de Doutorado Sanduíche da CAPES no ano de 2017/2018 para aprofundamento dos estudos no Departamento de Dança da University of California/UCR em Riverside/CA. Para conhecer um pouco mais a pesquisa realizada, podem ser visitados os sites:

- @coisazul (Coletivo Coisazul instagram);
- <https://coisaazul.wixsite.com/coisaazul>;
- <https://www.youtube.com/playlist?list=PLaLQHDmP1XcZ6bo3rBqY9e-652WH-k8W6> (Playlist Pesquisa Coisazul)

Imagem 2



Mosaico de minha autoria do Coletivo Coisazul. Imagens da pesquisa nos anos de 2015 e 2016

*A esse ato de ampliar nosso domínio cognitivo reflexivo,
 que sempre implica uma experiência nova,
 só podemos chegar pelo raciocínio motivado pelo encontro com o outro,
 pela possibilidade de olhar o outro como um igual,
 num ato que habitualmente chamamos de amor - ou, se não quisermos usar uma
 palavra tão forte, a aceitação do outro ao nosso lado na convivência.*

Esse é o fundamento biológico do fenômeno social: sem amor, sem a aceitação do outro ao nosso lado, não há socialização, e sem socialização não há humanidade.

Maturana & Varela Página, 1995

Referências

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. **Cartografar é Traçar um Plano Comum.** Fractal, Ver. Psicol., v. 25 – n. 2, p. 263-280, Maio/Ago. 2013.

LE BRETON. David. **Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade.** 6ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

LEPECKI, André. **Exaurir a Dança:** performance e a política do movimento. Tradução Pablo Assumpção Barros Costa. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2017.

LEPECKI, André. 9 variações sobre coisas e performances. Tradução Sandra Mayer. **Urdimento**, Vol. 2, nº 19, novembro de 2012.

LEPECKI, André; JOY, Jenn (Org). **Plannes of composition:** Dance, Theory and the Global. Seagull Books, London, New York, Calcutta, 2008.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **The three of knowledge:** The biological Roots of Human Understanding. Shambhala, Boston & London, 1998.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento:** As bases biológicas do entendimento humano. Editorial Psy, 1995.

ⁱ Fabiana Marroni Della Giustina, professora assistente do departamento de Artes Cênicas da UnB desde 2009. Doutoranda no PPG-Arte da UnB desde 2015, programa onde também defendeu seu mestrado no ano de 2009 com o título “Dançar Jogando para Jogar Dançando”. Foi contemplada pelo Programa de Doutorado Sanduíche pela CAPES no ano de 2017 para realizar a pesquisa no Departamento de Dança da Universidade da Califórnia em Riverside/UCR. fabianamarroni@unb.br;

ⁱⁱ Orientadora: Roberta Kumasaka Matsumoto Professora do Departamento de Artes Cênicas e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Antropologia Fílmica pela Université Paris X – Nanterre, coordena o Laboratório *Imagens e(m) Cena* e o Grupo de Pesquisa de mesmo nome, no qual são desenvolvidas pesquisas que problematizam as fronteiras entre teatro, vídeo, cinema, dança, performance e instalação. robkmatsu@gmail.com